



A OBRA

FRANCIS A. SCHAEFFER

CONSUMADA

a verdade de Romanos 1-8 para esta geração

DE CRISTO

2ª EDIÇÃO



A obra consumada de Cristo, Francis Schaeffer. Publicada em inglês sob o título *The finished work of Christ* © 1998 by Francis Schaeffer pela Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada por acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2003

2ª edição 2022

Conselho Editorial

Cláudio Marra (*Presidente*)
Christian Brially Tavares de Medeiros
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Joel Theodoro da Fonseca Jr
Misael Batista do Nascimento
Tarcizio José de Freitas Carvalho
Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução
Gabrielle Greggersen Bretzke
Revisão
David de Araújo
Maria Helena Penteadó
Mariana Ferreira de Toledo
Editoração
Zenaide Rissato
Capa
Jônatas Belan

S294o Schaeffer, Francis

A obra consumada de Cristo / Francis Schaeffer; Traduzido por Gabrielle Greggersen, 2022, 2ª ed.

256 p.

Tradução *The finished work of Christ*

ISBN 978-85-7622-702-1

1. Teologia 2. Soteriologia I. Título

CDU 2

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 / Whatsapp (11) 97133-5653
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário



Apresentação.....	7
1. Introdução e objeto de estudo (1.1-17)	13
Parte Um: Justificação (1.18 – 4.25)	27
2. A pessoa sem a Bíblia: culpada (1.18 – 2.16).....	29
3. A pessoa com a Bíblia: culpada (2.17 – 3.8)	57
4. O mundo todo: culpado (3.9-20)	69
5. Justificação depois da cruz (3.21-30).....	75
6. Justificação antes da cruz (3.31 – 4.25).....	87
Parte Dois: Santificação (5.1 – 8.17)	119
7. O resultado da justificação: paz com Deus (5.1-11).....	121
8. Mortos em Adão, vivos em Cristo (5.12-21)	145
9. A luta do cristão contra o pecado: I (6.1-23)	155
10. A luta do cristão contra o pecado: II (7.1-25).....	181
11. Vida no Espírito (8.1-17)	195
Parte Três: Glorificação (8.18-39)	213
12. Crentes ressurretos, criação restaurada (8.18-25)	215
13. A vida eterna é para sempre (8.26-39).....	231
Índice	245
Versículos	249



APRESENTAÇÃO

Por Udo W. Middelman
Fundação Francis A. Schaeffer

O estudo dos oito primeiros capítulos da carta de Paulo à igreja de Roma que você tem em mãos faz parte dos primeiros estudos bíblicos sistemáticos do Dr. Francis A. Schaeffer. Estes estudos são de especial relevância, pois explicitam a maior parte das ideias e verdades essenciais que são fundamentos de toda a obra do Dr. Schaeffer e do conteúdo de seus livros posteriores. Estes estudos, por si sós, permitem obter novos *insights* de toda a obra de Schaeffer; porém, mais do que isso, eles nos ajudam a tornar visível o sentido permanente da Palavra de Deus para cada nova geração.

Se o considerarmos mais objetivamente, este estudo foi fruto da interação pessoal de Schaeffer com estudantes e de seus debates em torno de questões polêmicas da atualidade. Debates profundos e altamente interativos como estes eram típicos do método básico que Schaeffer aplicava em tudo o que fazia. Portanto, todos os *insights* de Schaeffer aqui apresentados foram cuidadosamente construídos ao longo destes diálogos, muitas vezes fervorosos, nos quais questões honestas – não importando o nível de dificuldade – recebiam respostas honestas, gentis, baseadas nas verdades imutáveis da Palavra de Deus.

Estes estudos foram ministrados pela primeira vez em um apartamento de estudantes em Lausanne, Suíça, nos anos sessenta. No mesmo dia, a cada semana, Schaeffer descia das montanhas para debater com universitários que se encontravam para o almoço no “Café Vieux Lausanne”, a poucos passos de uma catedral do século doze.

Ali, por volta de 1526, os reformadores franceses confrontavam as concepções da Igreja Católica Romana com os seus estudos da Bíblia. Em um debate famoso, os cidadãos de Lausanne reuniram-se para ouvir os dois lados e, em seguida, votaram a favor dos ensinamentos dos reformadores. As suas concepções baseavam-se nas Escrituras, livres das tradições distorcidas de Roma. Logo ao lado da catedral situava-se a velha academia, onde estes mesmos reformadores fundariam uma Universidade. Esta mesma Universidade ainda se situava lá na época em que Schaeffer dava respostas bíblicas às perguntas dos estudantes, nas dependências do “Vieux Lausanne”.

Em seguida, à noite ele daria aula sobre Romanos no apartamento de Sandra Ehrlich, antes de correr até a estação para o último trem e ônibus de volta para casa, nas montanhas. Harold, um estudante de economia holandês, e outros estudantes de várias nacionalidades passavam a tarde toda com eles. Na gravação original pode-se ouvir *Harro*, como era chamado, traduzir algo para um estudante suíço e frequentemente fazendo perguntas ele mesmo. Mario, de El Salvador, uma garota sul-africana, um estudante italiano de arte, um tcheco, um americano e minha esposa, Débora, eram alguns dos que dedicavam pelo menos duas horas por semana, estudando o livro de Romanos – versículo por versículo. Dr. Schaeffer era mestre em tornar os estudos interessantes, pois sabia aplicar a carta de Paulo às questões intelectuais dos tempos de Paulo e também dos nossos, que, por sua vez, eram muitas vezes as mesmas que haviam sido discutidas poucos momentos antes, no café, junto a estudantes agnósticos e ateus. Pois, no fundo dos problemas e questões acerca da existência humana, há pouca diferença dos gregos para as pessoas de nosso próprio século. Originalmente, estas palestras foram dadas em um estilo “dar e receber” de leitura e discussão, método em que o Dr. Schaeffer sempre se superava. O texto a seguir foi editado a fim de excluir repetições e comentários da audiência, mantendo, ao mesmo tempo, o estilo e conteúdo das fitas originais.

A carta aos Romanos oferece respostas para todas as questões básicas do ser humano de qualquer época quanto à sua origem, ao problema de um Deus moral e um mundo mau, e às questões sobre significado e a verdadeira humanidade. De forma sistemática, Romanos trata daquele tipo de questões que qualquer ser pensante tem num mundo

como o nosso, onde os problemas são frequentemente identificados, mas as soluções propostas raramente vão ao âmago da doença.

Schaeffer frisava que, até pouco tempo, o livro de Romanos era estudado em escolas de direito americanas, a fim de ensinar aos estudantes a arte de tecer uma argumentação. Um caso verossímil é formulado para fundamentar uma proposição. Em seguida, cada um dos contra-argumentos é considerado, um a um, e refutados. Romanos não é sobre algum salto de fé, mas apresenta uma argumentação inteligível em torno da sua tese central: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.” (1.16-17).

Paulo, o autor, sob a direção e inspiração do Espírito de Deus, trata de nosso relacionamento com Deus, dando respostas verdadeiras para questões verdadeiras. Tudo que nós pensamos que sabemos sobre o universo, o homem, o sentido e a moral, exige constantes manutenção e correção. Sem a devida correção e exortação que encontramos na Palavra de Deus, o homem pecador acaba acumulando nada mais do que bobagens sobre as áreas mais importantes da vida. Isto sempre tem sua origem no conceito que o homem tem de Deus.

Schaeffer reconhecia em Romanos um completo sermão de Paulo, muito semelhante a outros sermões que ministrava por onde quer que andasse. Logo depois da introdução vem a proposição, seguida pela exposição da proposição. Observamos isto em Atos 17, quando Paulo é impedido de concluir um sermão bastante semelhante em Atenas. Ele partiu, então, dirigindo-se ao sul, rumo a Corinto, onde escreveria a carta aos Romanos. Em toda cidade por onde andava, ele ministrava todo um conjunto de verdades capaz de abranger os princípios básicos da doutrina de forma completa e integral.

Romanos é como um estudo sistemático que Paulo enviou a uma igreja, que ele não havia pessoalmente visitado. A igreja de Roma teve uma origem muito parecida com a de Antioquia. Ambas surgiram do testemunho de pessoas de fé que estiveram presentes em Jerusalém por ocasião dos eventos descritos em Atos 2, em que se relata como três mil pessoas se converteram no dia de Pentecostes. Em Atos 10, Cornélio havia se tornado alguém temente a Deus, graças a conversas mantidas com os que já abraçavam a fé. Em nenhum

destes casos a igreja surge de algum ministério de professores “profissionais”, mas sim de crentes alcançando outras pessoas.

Romanos tem um importante diferencial em relação às outras cartas do Novo Testamento. Nenhum outro texto do Novo Testamento apresenta uma sistematização da doutrina do evangelho parecida com esta. Todas as outras cartas são endereçadas a igrejas ou pessoas que ouviram os sermões ao vivo, por ocasião da visita pessoal dos apóstolos. Todas as outras tratam de problemas específicos, necessidades especiais ou práticas duvidosas. Elas remetem os cristãos a ensinamentos específicos e admoestações, que serviam apenas para reforçar coisas das quais eles certamente já haviam ouvido falar no corpo da doutrina.

Em Roma, entretanto, ninguém havia pregado o evangelho por completo. Por isso, a carta aos Romanos pode ser considerada uma declaração integral de tudo o que o Antigo e o Novo Testamento dizem acerca da nossa situação diante de Deus e do mundo. Toda a verdade está resumida nos trechos-chave do capítulo 1, nos versículos 16 e 17. Todo o restante da carta é desdobramento destes dois versículos: por que eles são verdadeiros, qual é o dilema, qual a solução e como viver daqui para frente. Paulo declara que não há razão para envergonhar-se do Cristianismo, quer seja intelectualmente, quer seja na experiência cotidiana de uma vida controlada por Deus.

Ao longo destes anos, desde que o Dr. Schaeffer ministrou estas palestras/debates, milhares de estudantes já estudaram as fitas de Romanos, afixando os ouvidos para acompanhar o estudo em uma gravação precária. E eles não têm conseguido desgrudar os ouvidos porque o Dr. Schaeffer aplicou os ensinamentos de Paulo às questões fundamentais do homem em todas as eras. Com grande frequência, Schaeffer mesmo retomava Romanos para discutir o vácuo intelectual que vivemos na vida moderna.

Este é um estudo versículo por versículo do texto. Intimamente associados a ele estão direcionamentos para os problemas centrais que encaramos em nossa geração. Todos os que se preocupam sinceramente com a suposta ausência de Deus, ou com a verdade de Deus e com a verdade dos seus preceitos morais, acabam descobrindo na Bíblia um Deus que sofre com os pecados das suas criaturas, mas que nem por isso é responsável pelos seus pecados. Vamos estar face a face

com a ira de Deus decorrente de nosso pecado, bem como com sua compaixão ao prover justiça, salvação e restauração futura por meio de Cristo. Cada um dos membros da Trindade – longe de ser um tópico de interesse meramente teológico – está íntima e poderosamente envolvido com o processo da nossa redenção ao longo da história.

É interessante ver, durante o estudo, quanto peso Schaeffer atribui à pecaminosidade do homem, a qual provoca a cólera de Deus. Mesmo assim, não há sugestão alguma de que essa pecaminosidade destruiria a humanidade e a racionalidade do homem criado conforme a imagem e semelhança de Deus. Deus não é o autor do mal, e o mal não diminui em nada a obrigação do homem de buscar e escolher Deus. Schaeffer não recai na armadilha teológica dos defensores radicais da Reforma, que dizem que a depravação privou o homem de sua humanidade, absolvendo-o do seu dever de mostrar arrependimento ou de buscar a Deus. Da mesma forma que Paulo, a grande briga de Schaeffer é fazer com que o seu próximo se curve diante do Deus que nós conhecemos e aceite a “obra consumada de Jesus” para a sua salvação, para que possa enfrentar as batalhas atuais contra o pecado na sua vida de cristão, e ter a esperança de ressurreição final e justificação no Dia do Senhor.

O homem está caído, mas ele não é um zero, não é algo sem valor. O homem tem imenso valor, por ser criado à imagem de Deus. Ao mesmo tempo, entretanto, todo o nosso ser foi tragicamente afetado pela Queda – inclusive nossa vontade e intelecto.

Aqui está um Deus que realmente luta por nós. Não há nenhuma solução arbitrária ou mistério esotérico nisto. Paulo não foge de questões pesadas e complexas. Ele responde a elas a partir da completude da obra divina na história. Convidando as pessoas a crer em Deus (e não só na “existência de Deus”) – na sua existência, no seu ser, nas suas promessas sobre a solução de Deus para a nossa culpa pelo pecado, através da obra consumada de Jesus Cristo – Paulo nos mostra Deus como sendo aquele que é moralmente justo e aquele que pretende justificar a todos os que creem.

1

INTRODUÇÃO E OBJETO DE ESTUDO (1.1-17)



O livro de Romanos divide-se em duas partes distintas: os capítulos 1 a 8 e os capítulos 9 a 16. Ao longo dos anos, tem havido um crescente debate entre os cristãos a respeito da existência de uma relação entre estas duas partes. Pode-se até encontrar uma relação, mas não é isso o que importa. Ambas as partes valem o estudo por si mesmas. Aqui, estaremos tratando somente da primeira parte, os capítulos 1—8.

Em muitos livros da Bíblia existe um ou vários versículos que formam verdadeiras declarações objetivas, e isto é nitidamente verdadeiro no caso de Romanos. A chave para compreender esta primeira parte de Romanos pode ser encontrada em 1.16-17:

...não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Com esta declaração em mente, iniciaremos nosso estudo de Romanos vendo as observações introdutórias de Paulo em 1.1-15.

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus... (1.1)

Paulo apresenta-se como um servo, ou escravo, de Jesus Cristo. Ele o declara de forma bastante específica e com grande cuidado. Ele está escrevendo para a igreja de Roma, e Roma sabia muito sobre escravos.

A escravatura era permitida no Império Romano. O mundo entendia o que significava ser um escravo, e Paulo começa declarando-se um escravo de Cristo.

Havia uma grande diferença, no entanto, entre a escravidão praticada no Império Romano e a escravidão de Paulo a Cristo. Os escravos do Império Romano eram escravos não porque eles desejavam ser, mas porque foram obrigados a isso. Uma pesada argola de ferro era soldada em volta do pescoço do escravo, algo que ele possivelmente não poderia remover por si mesmo. Aquilo o marcava como escravo enquanto ele permanecesse como escravo.

A relação de escravidão entre Paulo e Cristo, contudo, era algo bem diferente. Ele não era escravo porque era obrigado a ser um escravo, mas porque ele desejava sê-lo. Paulo tinha uma argola de ferro em volta do seu pescoço não porque ela tinha de estar ali, mas porque ele a mantinha ali por vontade própria. Nós devemos assumir esta atitude se quisermos dar frutos nas coisas que dizem respeito a Deus.

Assim como o escravo tem de “desejar” a vontade do seu mestre, nossa utilidade para Jesus depende de até onde nós desejamos a vontade de Deus. Não somos robôs. Ao contrário, optamos, por amor, por voltar a assumir uma condição de dependência obediente a Deus, na qual ele nos criou. Pode parecer uma ideia desagradável para alguns; acontece que, como criaturas de Deus, esta “escravatura” é o único estado de alegria verdadeira, a única maneira de nos tornarmos úteis.

Paulo era humano. Para ele, o fato de ter sido surrado e aprisionado por causa da fé foi tão doloroso para ele quanto seria para nós. Ele ficou tão machucado ao ser jogado às feras quanto nós teríamos ficado. O seu naufrágio foi tão molhado, tão tempestuoso, tão desconfortável quanto teria sido para nós. Certamente não foi nada bom se imaginar sendo decapitado. E Paulo poderia ter escapado de tudo isso, simplesmente renunciando à sua servidão. Assim, quando Paulo se apresenta desta forma, não é apenas uma expressão pia. Ao invés disso, sugere o tema central de Romanos: depois de termos aceitado Jesus como Salvador, devemos viver para ele.

...separado para o evangelho de Deus... (1.1b)

Como servo de Cristo, Paulo encontra-se separado para o evangelho. Separações envolvem sempre duas ações: *separação de* e *separação para*. A separação *de* é algo facilmente entendido. Existem muitas coisas

que podem nos manter afastados de Deus e não é possível sermos *separados para Deus*, a não ser que sejamos *separados destas coisas*. Este é um meio para alcançarmos o sermos *separados para Deus*, para pregar aos gentios. Paulo foi separado dos confortos normais da vida, tais como o casamento (1Co 7.8). Isso não significa que todo cristão tenha sido chamado para abrir mão do casamento, mas todo cristão deveria estar disposto a fazê-lo. Nem todo cristão terá de dar a vida por causa do evangelho, mas todo cristão deve estar disposto a morrer. A disposição é o *x* da questão.

Paulo se autodenomina “servo de Jesus Cristo”, para logo em seguida falar do “evangelho de Deus”. O evangelho se refere às três pessoas da Trindade. É a boa nova da Trindade para um mundo perdido e caído. Jesus é o Senhor da nossa redenção; entretanto, o evangelho representa a boa nova de toda a Suprema Divindade, a Trindade.

O qual foi por Deus outrora prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras. (1.2)

Na versão King James da Bíblia, assim como em algumas versões em português, a frase encontra-se entre parênteses, embora o pensamento não tenha interrupções nos três primeiros versículos e o versículo 2 seja tão importante. Ele expressa a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento, um tema constantemente enfatizado por toda a Bíblia. Paulo diz que Deus “outrora” prometeu o evangelho nas Sagradas Escrituras. Quão “outrora” isso é? Romanos 16.20 nos dá uma pista: “E o Deus da paz em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás”. Certamente isso se refere a Gênesis 3.15, que declara que o “descendente” da mulher esmagará a cabeça da serpente. Jesus Cristo é o descendente da mulher (compare Gênesis 3.15 com Gênesis 22.18 e Gálatas 3.16). Foi ele quem esmagou a cabeça da serpente. Ainda assim, pela identificação que temos com Jesus, ficamos no aguardo da sua Segunda Vinda, quando estaremos igualmente esmagando Satanás debaixo de nossos pés. O evangelho remonta, literalmente, às origens mais remotamente possíveis. Assim que a humanidade pecou no Jardim do Éden, antes mesmo que se passassem vinte e quatro horas, Deus prometeu enviar o Messias. E esta promessa nos remete à Segunda Vinda, com base na obra consumada de Cristo.

Frequentemente as pessoas tentam jogar o Antigo e o Novo Testamento um contra o outro. Mas a ênfase por todo o Novo Testamento encontra-se na unidade com o Antigo Testamento. Isso era verdade tanto

na pregação de Cristo quanto no livro de Atos, nas epístolas de Paulo, e em todas as outras epístolas. Não existem duas mensagens, mas uma só. O povo de Deus do Antigo Testamento esperava por um Messias, o qual foi totalmente revelado no Novo Testamento. Paulo sabia que a igreja de Roma incluía tanto judeus quanto gentios, de modo que era importante lembrá-los do fato de que existia uma só mensagem.

Com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor. (1.3-4)

Paulo mostra ambos os lados da encarnação – o humano e o divino. O apóstolo certamente acreditava na divindade de Cristo, mas o fato de ele ter sido verdadeiramente divino não modifica o fato de que Cristo também foi um ser humano verdadeiro, que descendeu da linha genealógica natural de Davi. Mais uma vez, é provável que Paulo estivesse pensando aqui em seus leitores judeus. É extremamente importante lembrá-los do fato de que Cristo é realmente o filho de Davi, porque o Antigo Testamento profetizava especificamente que o Messias viria através de Abraão e Davi.

...segundo a carne, veio da descendência de Davi... (1.3b)

É evidente que com “carne” Paulo está se referindo ao elemento “humano”. Ele não está se referindo a nenhuma conotação pecaminosa da palavra, como fará mais adiante em 7.5.

Paulo nada diz sobre Cristo descender de Salomão, filho de Davi. A promessa que Deus fez a Davi foi absolutamente incondicional: ele seria ancestral do Messias (2Sm 7.16). Salomão também deseja obter uma promessa incondicional, mas a promessa de Deus a ele foi condicional. Em essência, Deus disse o seguinte: “Se você fizer assim e assim, *então* você continuará na linhagem do Messias” (1Rs 9.4). Salomão não procedeu de acordo com isso, e nem seus descendentes procederam assim, a ponto de Deus ter lhe negado o envolvimento com o cumprimento completo da promessa. Se observarmos que a genealogia em Mateus refere-se a José e a genealogia em Lucas é referente a Maria, vamos descobrir que Jesus descendeu de Davi por ambas as partes, materna e paterna. Da parte de José, sua procedência situa-se em Salomão, pelo que se estabelece uma continuidade legal com Davi. Mas, se levarmos em conta que a sua verdadeira

concepção deu-se pelo Espírito Santo, através de Maria, ele procedeu de Natã, outro filho de Davi, e não de Salomão. Tanto a promessa incondicional feita a Davi quanto a promessa condicional, dada a Salomão, representaram, assim, o cumprimento de promessas, com um magnífico detalhamento.

Por seu lado humano, então, Cristo surgiu por meio de Davi. Mas há mais do que o lado humano. Ele também havia sido “designado Filho de Deus com poder” (1.4a). “Designado” poderia ser mais bem traduzido aqui por “determinado”. E determinado significa definido, certo. Certamente Cristo também é o Filho de Deus. Por quê? Em razão de um “poder” especial (1.4). Para que a divindade de Cristo possa ser acreditada, é preciso que seja demonstrável. O que nos demonstra definitivamente que Cristo é Deus é sua “ressurreição dos mortos” (1.4).

Antes de considerarmos a ressurreição em si, é preciso notar que a ressurreição deu-se “segundo o espírito de santidade” (1.4). E o espírito de santidade pode ser visto aqui como a obra do Espírito Santo ou como o Espírito Santo em pessoa. Por todo o Novo Testamento há muitas passagens que falam do relacionamento de Jesus Cristo com a terceira pessoa da Trindade. Este relacionamento resultou em santidade de vida da parte de Cristo. Paulo diz em outro lugar que Cristo foi “justificado em Espírito” (1Tm 3.16). O autor de Hebreus diz que Cristo “pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus...” (Hb 9.14) e falou de Cristo que “nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, (...) tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (Hb 5.7). Enquanto esteve na Terra, como um homem de verdade, Cristo operou por meio do seu compromisso com o Espírito Santo. Por ter assim agido, Deus o ouviu.

Jesus foi designado o Filho de Deus “pela ressurreição dos mortos” (1.4). Esta expressão pode ser traduzida tanto como “dos mortos” quanto “da morte”. Qual é a diferença? A “ressurreição da morte” parece referir-se somente à ressurreição do próprio Cristo, enquanto a ressurreição “dos mortos” parece ter em vista, igualmente, a nossa ressurreição futura. De uma forma ou de outra, isto basta para provar a divindade de Cristo – ele foi determinado, designado o Filho de Deus, devido ao maravilhoso fato de ter ele sido ressuscitado fisicamente dos mortos e de que deverá ocorrer a ressurreição futura dos cristãos dentre os mortos.